

VISÃO E REVISÃO DA HISTÓRIA EM JOÃO PAULO BORGES COELHO E JOSÉ SARAMAGO

SUSANA RAMOS VENTURA*

* Universidade Federal de São Paulo –
Unifesp (Fundação de Amparo à Pes-
quisa do Estado de São Paulo).

E

Resumo

Este ensaio parte dos romances *As duas sombras do rio* e *História do cerco de Lisboa* com a finalidade de observar como neles a História é abordada, sendo parte da pesquisa “Histórias em diálogo”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Literatura moçambicana; Literatura portuguesa; Relações história e literatura; literatura comparada.

João Paulo Borges Coelho começa a publicar ficção em 2003, com o romance *As duas sombras do rio*. Nos sete anos que se seguiram até 2010 o autor – que é historiador de profissão – publicou mais sete obras entre romances, livros de contos e novelas, uma produção vertiginosa em termos de quantidade e qualidade. À discreta recepção crítica ao primeiro romance seguiu-se uma acolhida mais calorosa ao segundo, *As visitas do dr. Valdez*, combinada com a conquista de um público leitor que passou a acompanhar a obra. João Paulo Borges Coelho vem construindo sua ficção em estreita relação com fontes históricas e sobre o envolvimento de um historiador com a literatura. O autor revelou numa entrevista concedida em 2004 a Jorge Heitor, do jornal português *Público*: “Envolvi-me muito na área da História Contemporânea, mas sempre tive claro que a actividade científica é apenas uma das maneiras de dar conta da realidade. A literatura é um processo importante de interpretar aquilo que nos cerca” (HEITOR, 2004, p. 10).

Recentemente, em março de 2010, ao receber em Maputo um importante prêmio literário, Borges Coelho teceu em seu discurso considerações que apontam ainda para o modo como, na literatura, ele lida com questões sociais e históricas:

Desde tempos recuados que o continente africano se tornou famoso como fonte de matérias-primas. Por elas se matou e se morreu. No princípio foi o ouro da bíblica Ofir e do Mwenemutapa, depois o marfim, o corno de rinoceronte capaz de operar maravilhas no Oriente, e até a energia humana por meio do hediondo comércio de escravos e dos trabalhos forçados. África forneceu pois, ainda que de forma involuntária e nem sempre com proveito, o combustível das grandes revoluções que fizeram o mundo avançar para aquilo que é hoje. À medida que este avançava, novas matérias-primas nela foram sendo descobertas, assim como se apuraram novas maneiras de as pesquisar: o cacau e a borracha, o petróleo, os diamantes, e até o *coltan*, o chamado “ouro azul” do sul do Congo, sem o qual os notebooks e os telefones celulares não poderiam funcionar.

“Todavia, há uma matéria-prima que desde sempre foi passando despercebida às pesquisas, apesar das esforçadas expedições, da sofisticação das análises e dos testes, dos radares e sondas, enfim, dos satélites.”

A matéria-prima a que me refiro, em estado bruto parece uma pedra vulgar em nada distinta das outras pedras. “É uma pedra feita das histórias das pessoas deste país Moçambique, e desta região: dos seus desejos e sonhos, das suas memórias e disputas, dos lugares que habitam e do que fazem no seu dia-a-dia – enfim, da vida que têm.” Talvez (e porque é esta a ordem do mundo enquanto a não conseguirmos mudar), uma pedra mais despojada, mas ainda assim capaz de uma beleza e força singulares. “A par de me desbravar os meus próprios interiores e de me confrontar com a minha própria língua, entendo a escrita literária como o ofício de polir essa pedra.” (COELHO, 2010, p. 1 – grifos nossos)

Tenho refletido nos últimos anos sobre a tendência existente na obra de Borges Coelho a uma mescla da descrição de trajetórias individuais vivenciadas em Moçambique com o delineamento de um quadro social abundante em tensões. O resultado dessa imbricação tem sido uma ficção densa e bem construída que, ao mesmo tempo, realiza um painel da sociedade moçambicana sem recair em tendências folclorizantes ou ufanistas, num trabalho onde se podem destacar aspectos históricos, sociais, políticos e antropológicos que confluem na prosa abundante e bem conseguida.

Realizando um recorte que contempla os romances *As duas sombras do rio*, *As visitas do dr. Valdez*, *Crônica da rua 513.2* e *O olho de Hertzog*, nota-se que é constante a preocupação temática com a história de Moçambique, marcadamente a que vai do início do século XX até a contemporaneidade. Em várias das obras, laçadas rumo ao passado histórico do país são realizadas através de analepses que apontam ora para a repetição de acontecimentos, ora para antecedentes que, de certa maneira iluminam o “presente” da efabulação. Num segundo momento me restringirei à contemplação do primeiro romance publicado pelo autor, *As duas sombras do rio*.

José Saramago morreu em junho de 2010 tendo alcançado, a partir da atribuição do Prêmio Nobel em 1998, o *status* de celebridade. Pessoas que jamais leram, e que provavelmente não lerão sua obra falam sobre José Saramago, manifestando afetos diversos: simpatia, surpresa, re-

pulsa, admiração, raiva. Bem de acordo ao rótulo de celebridade que adere a pessoas de diversos campos pasteurizando-as e fornecendo a partir daí um conjunto de informações a partir das quais elas são julgadas, Saramago nos anos que sucederam ao Nobel ficou vinculado a posturas anti-imperialistas – seu confronto com Bush via manifestos publicados; de confrontação com o ideário cristão – o último romance do autor, **Caim**, teve destacados nos grandes jornais, somente trechos de forte impacto que, descontextualizados, apontavam para uma “heresia desmedida e mal educada” (expressão minha); e de crítica aos seres humanos seus contemporâneos – via **Ensaio sobre a cegueira** conforme adaptado para o cinema.

Vou tentar afastar isso, realizar um brevíssimo panorama e, a seguir, fazer um recorte que beneficie o aspecto a que quero conferir relevância. Em breves linhas – somente válidas para este momento de reflexão – o conjunto da obra pode ser abordado pelos seus romances iniciais (o romance foi a forma mais privilegiada pelo escritor). Os três primeiros títulos: **Manual de pintura e caligrafia**, **Levantado do chão** e **Memorial do convento**, mostram forte adesão temática à História de Portugal. No **Manual de pintura e caligrafia**, o cotidiano de um pintor vivendo os meses que antecedem 25 de abril de 1974, **Levantado do chão** a saga secular dos trabalhadores do Alentejo e **Memorial do Convento** com sua proposta de revisitação do século XVIII português (e, por extensão, europeu). Ficam até aqui já marcadas algumas tendências da obra, entre elas a da escolha de concessão de primazia às personagens sem representatividade na História com “h” maiúsculo em caso de tematização da História de Portugal (caso aqui de **Memorial do convento**) ou, quando a História não é evocada, personagens à margem de algum tipo de participação social (caso do pintor H. de **Manual de pintura e caligrafia**). cremos que **A jangada de pedra** (1986) é um primeiro divisor de águas na obra do autor, uma vez que aponta para uma aguda consciência ibérica (já enunciada em **O ano da morte de Ricardo Reis**), e que reflete sobre a posição da Península Ibérica frente tanto a seu passado quanto aos desafios da contemporaneidade. A escolha ficcional por uma construção que remete, desde a epígrafe, à literatura latino-americana então particularizada na obra do cubano Alejo Carpentier, situa a Península “no meio do caminho” entre Europa e América, em momento de repensar o passado e escolher o presente. A década de 1990 será caracterizada na obra do autor por romances de forte questionamento existencial-humano por vezes desterritorializados, como será o caso de **Ensaio sobre a cegueira** e **A caverna** e do início do embate direto com o texto básico da civilização ocidental – a Bíblia – através da publicação de **O evangelho segundo Jesus Cristo** em 1992 e posteriormente, com o romance final do autor, **Caim**, do final da década posterior.

Como recorte para este ensaio, gostaria de focalizar o grupo de romances com relação muito evidente com a história de Portugal, a saber **Manual de pintura e caligrafia**, **Memorial do convento**, **O ano da morte de Ricardo Reis** e **História do cerco de Lisboa**. A tendência geral neste grupo de obras é a da construção de trajetórias individuais frente ao coletivo, do privilégio dado pelo autor aos “pequenos” e a proposta de que a História é construída por milhares de anônimos e não (apenas) pelos que decidem em nome do coletivo.

Tentando espelhar o procedimento adotado com João Paulo Borges Coelho, quero trazer agora uma declaração do autor que possa iluminar esta reflexão. No que diz respeito a José Saramago, tenho nos últimos anos optado por uma certa reserva com relação ao uso de entrevistas e declarações do autor, uma vez que havia nele uma forte tendência à tentativa de dirigir as leituras possíveis de sua obra. Inclusive, considero esta tendência um aspecto muito marcante e que merece um estudo aprofundado. Pensando nisso, mas também desejando “ouvir” o autor, escolho “escutá-lo” num momento anterior à construção de sua obra romanesca, o que pode ser realizado visitando o conjunto apresentado em **A bagagem do viajante**, reunião de crônicas publicadas na imprensa portuguesa entre 1969 e 1972, cinco anos, portanto, antes da publicação do primeiro romance, **Manual de pintura e caligrafia**, de 1977.

Escolhi um trecho da crônica “Os portões que dão para onde?”:

Esta penosa e longa vida dos homens (setecentos mil anos, meus amigos) tem enchido a terra de ruínas e de promessas delas. A consciência do que a incúria e o desprezo perderam faz-nos andar agora a rondar ciosamente os velhos palácios e castelos, atentos ao estalar do estuque e ao fender da pedra. E construímos grandes edifícios, que enchemos de pinturas para deleite dos visitantes, sob o olhar ausente dos guardas e a fiscalização dos termo-reguladores. A toda a hora somos convidados a recordar a vida de quantos por aqui passaram antes de nós, não sei se com a esperança de a revivermos, se para nossa derrotada confirmação.

Confesso que sou um grande consumidor de museus, catedrais, pontes romanas, conímbrigas e ruínas em geral. “Tenho a bossa da arqueologia comparada, da história antiga e da escavação, e sofro de uma curiosidade decerto doentia de saber como dizia Sócrates “bom dia” nas praças de Atenas, ou como se assoava Fernão Lopes, ou como o meu décimo avô cortejava a minha décima avó. E não é tal por prosápias de árvore genealógica, pois, ai de mim, a partir do terceiro ramos some-se-lhe o tronco e a raiz numa treva de começo do mundo.” (SARAMAGO, 1996, p. 71 – grifos nossos)

O trecho parece antecipar o que o autor efetivamente faria nos anos vindouros ao construir sua obra: trabalharia o cotidiano (como Sócrates diria “bom dia”, como o décimo avô cortejaria a décima avó) em relação com a relevância histórica conquistada ou atribuída a algumas personagens históricas que revisitaria pela ficção (na crônica Sócrates e Fernão Lopes – um grego e um português, na obra futura, por exemplo, D. João V e Bartolomeu de Gusmão). Os avós perdidos a partir do “terceiro ramo” seriam futuramente ficcionalizados (e, por vezes bastante idealizados) em personagens como Blimunda Sete-Luas, Baltazar Sete-Sóis, Lídia, Cipriano Algor, entre outros.

Criando um outro recorte, aproximo as obras de José Saramago e João Paulo Borges Coelho ao me debruçar sobre os romances **História do cerco de Lisboa** e **As duas sombras do rio**.

Em **História do cerco de Lisboa** as relações com a História são diretamente tematizadas já a partir do título – evocativo do episódio do cerco de 1147, quando Lisboa foi tomada dos “mouros” pelos “cristãos”

capitaneados por Afonso Henriques, primeiro rei português. A efabulação está centrada na vida de um modesto revisor de livros, Raimundo Silva, que, vivendo em Lisboa na década de 1980, revisa mais um título para a editora de quem é fiel prestador de serviços há anos, uma **História do cerco de Lisboa**, de autoria de um historiador não nomeado no romance. O capítulo 1 do romance de Saramago mostra o encontro e diálogo entre revisor e autor e já coloca questões que serão trabalhadas durante a obra, como o uso dos recursos da narrativa tanto por historiadores quanto por escritores de ficção (e eventualmente revisores). Raimundo Silva se coloca frente ao autor-historiador de que revisa a **História do cerco de Lisboa** declarando: “em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura” (SARAMAGO, 1997, p. 15).

Em **História do cerco de Lisboa** o discurso histórico é colocado em estreita relação e contraponto aos domínios da vida privada, representada pela ênfase em descrever trajetórias individuais de personagens calcadas em seres humanos comuns, mas grandiosos exatamente por sua humanidade e singularidade. Minha hipótese para o estreito diálogo com a História refletido pela construção desta ficção de “gestos históricos” – como nos ensina Manuel Gusmão¹ – é a do enfrentamento operado pelo autor com a repetição sem revisão de um discurso histórico construído já há longos séculos e que terminou por ficar engessado numa tonalidade laudatória e acrítica. Como expressa a personagem Raimundo Silva ao ler o livro do historiador – livro que tem a obrigação profissional de revisar – e que tematiza uma vez mais a História do cerco de Lisboa no século XII: “Em quatrocentas e trinta e sete páginas não se encontrou um facto novo, uma interpretação polémica, um documento inédito, sequer uma releitura. Apenas mais uma repetição das mil vezes contadas e exaustas histórias do cerco” (SARAMAGO, 1997, p. 34 e 35).

Quanto ao passado, o discurso do livro do historiador tende ao laudatório e acima de tudo à repetição de discursos construídos no passado que são apenas e tão somente reafirmados. Ao revisar o texto, Raimundo Silva começa por aborrecer-se com anacronismos evidentes – por exemplo com as “naus em caminho das Índias” mencionadas por uma personagem histórica em pleno século XII – mas também com a “falsidade” do discurso do Rei Afonso Henriques aos cruzados, discurso este que o revisor declama enrolado em seu cobertor que se enrola sobre seu corpo à guisa de traje real:

Não, este discurso não é obra de rei principiante, sem excessiva experiência diplomática, aqui tem dedo, mão e cabeça de eclesiástico maior, talvez o próprio bispo do Porto, D. Pedro Pitões, e seguramente o arcebispo de Braga, D. João Peculiar, que juntos e concertados tinham logrado persuadir os cruzados, de passagem no Douro, a virem ao Tejo ajudar à conquista [...] Raimundo Silva, afogueado, deixa cair a manta com teatral ademane, sorri sem alegria, Isto não é discurso em que se acredite, mais parece lance shakespeariano que de bispos arrabaldinos. (SARAMAGO, 2003, p. 40 e 41)

Raimundo empreende então – a partir de devaneios e depois pela tentativa de construir também ele um texto, só que ficcional e não histó-

Gusmão, 1998, sem número de página.

rico – uma aproximação ao passado que, se começa involuntariamente, ganha terreno em sua existência terminando por transformá-la. A revisitação de um passado histórico pela tentativa de uma escrita que começa por se desejar historiográfica e se torna inevitavelmente ficcional conduz a personagem a um novo presente, mais pleno existencialmente. Uma vez mais vê-se na ficção de Saramago um protagonista do sexo masculino absolutamente comum, imerso num cotidiano medíocre e acachapante e que encontra saída a partir de uma transgressão, transgressão essa ligada diretamente a uma figura feminina, que passa a ser uma presença condutora na caminhada rumo a uma vida mais verdadeira e intensa.

As duas sombras do rio é um romance com temática central na Guerra Civil vivenciada na década de 1980 num enclave no Noroeste de Moçambique, divisa com a Zâmbia e o Zimbábue. No entanto, está pleno de referências ao passado colonial de Moçambique, evocado em estreita relação com o presente, numa aparente tentativa de composição de um painel histórico social capaz de explicar a particularidade de Moçambique na contemporaneidade. João Paulo Borges Coelho mapeia primordialmente as trajetórias humanas de um grupo que passa pela guerra tentando uma compreensão para que se possa almejar um devir histórico e humano mais promissor.

João Paulo Borges Coelho parece elaborar o que chamaríamos um discurso para-histórico, numa tentativa de, ao mesmo tempo, colaborar com a fixação da História recente de Moçambique – pela construção de um texto com forte adesão ao discurso histórico – e trabalhar com a humanidade inerente à ficção. Subjaz da leitura do texto a impressão de que seu autor tem a consciência de estar contando a História da guerra civil no Norte moçambicano pela primeira vez em ficção, sendo o autor o mesmo que, como historiador, já estudara o mesmo espaço e conflito em sua tese de doutoramento. Sobre a gênese de **As duas sombras do rio**, o autor revela em “conversa” com Michel Laban e Ana Mafalda Leite:

esse romance começou como notas de trabalho, notas de trabalho numa região muito remota. Visitei-a diversas vezes, no pós-guerra civil, anotando pequenas histórias. Nunca me passou pela cabeça escrever um romance. Mas depois comecei a ligar essas histórias, talvez por achar que ninguém mais as fosse ligar, elas eram tão dispersas, e foi assim que nasceu o livro, não de um plano, mas de diversas pequenas histórias que se começaram a ligar umas às outras. E para as ligar foi preciso assassinar, raptar e fazer desaparecer algumas personagens e, ao mesmo tempo, com uma vara mágica, fazer surgir outras. (LABAN, 2009, p. 264 e 265)²

LABAN, Michel. “Encontro com os escritores Ana Mafalda Leite e João Paulo Borges Coelho”. In GALVES, GARMES, RIBEIRO, 2009, p. 264 e 265.

As palavras do autor mostram como, em sua concepção, o trabalho com a ficção está em estreita ligação com o da tomada de notas para o trabalho de historiador. Interessante é notar como ele diz que teve de “fazer desaparecer algumas personagens”, como se a realidade já apresentasse personagens “prontas”. Na mesma “conversa” o autor afirma achar óbvio que sua escrita seja atravessada pela História (e, acrescenta, até mais pela Geografia), e que da História venham algumas caracte-

terísticas do estilo narrativo. Porém, afirma que a seu ver, as relações com a História se restringem a isso. Ouso discordar, uma vez que, mais do que atravessada pela História e pela linguagem comum entre historiadores e escritores de ficção, parece-nos que a obra de João Paulo Borges Coelho venha se inscrevendo como aquilo que venho chamando de “discurso de suplência” em relação ao histórico, circunstância partilhada com a de alguns outros escritores africanos de língua portuguesa na contemporaneidade.

Creio que o prosseguimento das reflexões nesta senda que venho tri-lhando terá como próximo passo a indagação a respeito das respostas que os dois ficcionistas dão aos desafios sociais pelos quais Moçambique e Portugal passam nos últimos anos em seus romances **As duas sombras do rio** e **História do cerco de Lisboa**, sem perder de vista o restante da produção dos autores.

ABSTRACT

This essay discusses the novels **As duas sombras do rio** and **História do cerco de Lisboa** and aims to observe how History is presented. The essay is part of a research named “Histórias em diálogo,” sponsored by Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Keywords: Mozambican literature; Portuguese literature; Relations between literature and history, comparative literature.

REFERÊNCIAS

COELHO, João Paulo Borges. **As duas sombras do rio**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

COELHO, João Paulo Borges. **Discurso proferido quando da recepção do Prêmio Leya**,

em 04 de março de 2010 em Maputo. Disponível em <<http://estoriascomlivros.blogspot.com/2010/03/discurso-lido-por-joao-paulo-borges.html>>. Acesso em 28 de set 2010.

GUSMÃO, Manuel. Linguagem e História segundo José Saramago. In: Vários. **José Saramago. Uma voz contra o silêncio**. Lisboa: Caminho/ICEP/IPLB, 1998.

HEITOR, Jorge. A actividade científica é apenas uma das maneiras de dar conta da Realidade. Entrevista com João Paulo Borges Coelho. **Público**. Livros – Entrevista. Lisboa, 9 de outubro de 2004, p. 10.

LABAN, Michel. Encontro com os escritores Ana Mafalda Leite e João Paulo Borges

Coelho". In: GALVES, C. GARMES, H., RIBEIRO, F. *África-Brazil: Caminhos da Língua Portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

REBELO, Luís de Sousa. A consciência da história na ficção de José Saramago. *Revista Vértice*, Lisboa, n. 52, jan/fev 1993.

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.